

Capítulo 1

O Preço do Conhecimento

Os passos ecoavam com uma cadência suave sobre o mármore polido do Palácio de Pedra Clara, um som quase cerimonial na quietude da Ala Leste. Uma figura elegante e feminina cruzava aqueles corredores altos e longos que se estendiam por alas distintas, cada ala dedicada a uma função vital do governo de Kraun, o coração de Sunagori. Ali, a arquitetura imponente e discreta da sede governamental ressoava a ordem que a Guarda Oficial se esforçava para manter do lado de fora, onde soldados de elite, selecionados entre os mais aptos de Sunagori, exibiam semblantes neutros.

Mas era por dentro, naqueles corredores que conduziam à Sala de Audiências, que o verdadeiro peso do poder se revelava. O silêncio institucional daquele trecho dava lugar a sons abafados: um leve murmurinho, como folhas sussurrando ao vento, e, gradualmente, palavras esparsas que se tornavam mais claras à medida que ela se aproximava. Diante de uma porta dupla, maciça, de madeira antiga e ricamente entalhada, as vozes se tornaram

DESPERTAR

nítidas. Então ela parou, e entrou. Uma mulher com porte esguio e elegante, traços faciais delicados, mas seu semblante irradiava uma profunda seriedade e inteligência.

Seus olhos, de um tom claro e penetrante que revelavam uma perspicácia notável, seu cabelo, um castanho suave, estava preso de forma simples, mas organizada, vestida com roupas, que caíam elegantemente sobre sua figura, sem qualquer adorno desnecessário. Era uma historiadora por paixão e vocação, seu nome era Isolthra. Aquela era a Sala de Audiências Populares, um palco austero e funcional, onde bancos alinhados em semicírculo aguardavam os solicitantes.

Ao fundo, uma cadeira elevada abrigava o “Principal”, os principais eram as pessoas indicadas por seus povos para os representarem junto ao governo de Kraun como um conselho gestor. Estes representantes tinham residência dentro da sede do governo, e seu posto era vitalício e hereditário, estabelecido desde a fundação de Kraun. A presidência deste conselho é exercida alternadamente entre os povos, esta é a era do Povo da Floresta, a era de Veylara.

Isolthra aguardava pacientemente ser chamada, enquanto ela observava Veylara, uma mulher alta e magra, em torno de 35 anos, semblante maduro com um porte daquelas que inspiram respeito sem precisar de muito esforço. O cabelo era castanho-avermelhado, caindo sobre os ombros em ondas volumosas e um tanto rebeldes. Os olhos castanhos escuros e a pele clara. Estava

usando sobre suas vestes um manto grosso Púrpura, símbolo do povo da Floresta, o qual ela representava junto aos Principais.

Isolthra percebeu que Veylara ouvia as petições com grande imponência, seus olhos percorrendo os presentes com o desdém de quem já sabia todas as respostas. Mas Isolthra não estava ali para clamar por migalhas de atenção. Ela buscava a verdade.

Com uma voz que cortou o ambiente como um fio de prata, – firme, educada, e ainda assim desafiadora – Isolthra dirigiu-se à Conselheira.

— Conselheira Veylara, se me permite... — disse, sua presença preenchendo o pequeno espaço entre os bancos.

— Meu nome é Isolthra, residente do Segundo Anel do Cinturão, historiadora e bibliotecária do Arquivo Central, e o tema se trata sobre documentos antigos.

Veylara sequer piscou.

— A palavra está concedida — respondeu Veylara com um sorriso ensaiado.

Isolthra manteve a postura calma, mas suas palavras, carregadas da peso sobre documentos antigos, provocaram um breve silêncio.

“Como historiadora dedicada, ela havia mergulhado nos pergaminhos e códices esquecidos, nos registros apócrifos, e descoberto que Kraun, a capital nascida da união dos povos após o fim da Guerra, havia se corrompido, e que a justiça e o equilíbrio, haviam sido esquecidos.

DESPERTAR

Entre as páginas amareladas, Isolthra encontrou um documento singular, o Diário de Aya, um rolo de pergaminhos delicadamente conservado, no qual a própria Aya havia registrado suas anotações mais íntimas. Nele, Aya descrevia a história, segredos, coisas pessoais. O pergaminho também falava sobre a Guerra da Libertação, a necessidade de um futuro em paz e equilibrado”

— Encontrei registros divergentes sobre a linhagem da Primeira Feiticeira, Aya!

Ela fez uma breve pausa, deixando que as palavras se acomodassem no salão, sentindo o peso da verdade pairando no ar.

— Gostaria de entender como a linhagem do Conselho foi oficialmente transferida para Selunith. Pois não foram encontrados ata, testemunhos ou registros.

O silêncio que se seguiu não foi comum. Foi profundo. Os anciões se entreolharam. Um deles simulou uma tosse. Outro baixou os olhos. A pergunta de Isolthra, aparentemente inofensiva, tocava em uma ferida antiga, em uma conveniência que havia se tornado lei.

Mas Veylara não hesitou. Seu rosto permaneceu inexpressivo, sua voz suave, quase mel, mas seus olhos lançavam lâminas.

— Há séculos, minha família serve Kraun com honra e legitimidade. Os registros daquela época... se perderam em tempos de guerra e reconstrução.

Isolthra sorri, um gesto pequeno, mas perigoso, carregado de conhecimento.

— Alguns registros não se perderam, Conselheira, foram somente extraviados, e podem reaparecer a qualquer tempo.

A frase pairou no ar por um instante antes de ser abafada pelo soar de um pequeno sino, que marcava o fim da sessão. A intervenção de Isolthra havia sido breve, mas o impacto, inegável. Veylara a observou sair do salão com passos calmos, sua figura esguia se afastando pelos corredores. Cada passo de Isolthra, no entanto, era um anúncio silencioso de que algo havia sido despertado, uma verdade que não podia mais ser contida.

Naquela mesma noite, nas câmaras privadas do Conselho, a expressão impassível de Veylara desmoronou. Seu sorriso mel se transformou em uma linha fina e má. Ela deu uma ordem seca ao seu homem de confiança, uma figura sombria que não trajava uniforme nem carregava brasão, mas exalava um profissionalismo frio e letal.

— Ela sabe. Resolva!

A noite caía sobre o Cinturão de Kraun com uma calma que parecia um presságio de tempestade. A maioria das janelas estavam fechadas, as luzes apagadas mais cedo que o habitual. Pelas ruelas planejadas em anéis, que outrora representaram a utopia de uma Kraun integrada e bem estruturada, mas que agora se separavam dolorosamente os anéis da caótica periferia. *“Kraun, a capital de Sunagori, concebida como um símbolo de união, equilíbrio e reconstrução entre os povos, lamentavelmente pela*

DESPERTAR

falta de gestão e políticas públicas, aliado ao crescimento desordenado, em mais de 200 anos transformou Kraun em um caos.”

Dentro de sua residência de paredes finas e estantes cheias de pergaminhos, Isolthra preparava um chá de camomila para Vesperith, sua filha. Vesperith, uma criança de 10 anos ainda com os pés descalços, lia distraidamente sobre as origens dos povos de Umbra que após a Guerra da Libertação passou a se chamar Sunagori, com somente o silêncio sendo preenchido pelo suave tilintar das colheres nas xícaras. A mãe sorria com o olhar cansado, porém seus olhos brilhavam com a satisfação de quem finalmente encontrou algo muito precioso. Para Isolthra, o conhecimento era a maior arma, e a busca por ele, sua maior paixão.

Foi então que o vento parou de circular pela janela, como se o mundo prendesse a respiração. Um estalo leve de uma dobradiça indicou que a porta dos fundos, que Isolthra sempre trancava, estava cedendo. Ela soube naquele instante. O ar frio da noite trouxe consigo um presságio de morte. Ela não gritou. Não correu. Sua coragem era de outra natureza. Apenas se virou para a filha e disse, com uma voz estranhamente serena, quase um sussurro:

— Vá para o seu quarto e tranque a porta. Agora.

Vesperith hesitou.

— Mãe?

— Agora, minha flor. Confie em mim. — disse delicadamente Isolthra.

A criança obedeceu, a confusão em seus olhos foi substituída pela urgência na voz da mãe. Meia respiração depois, um vulto surgiu na sala, vindo do escuro. Uma figura aparece, desprovido de insígnia, e a frieza absoluta em seus olhos denunciava seu propósito.

Isolthra não tentou lutar. Apenas ergueu o queixo, desafiando o homem de frente. A verdade que ela encontrou do passado, selou seu destino.

— Não é o conhecimento que mata — disse ela, baixinho, sua voz firme apesar do terror iminente.

— É o medo dele.

Dois passos. Um golpe seco. Silêncio.

A figura saiu tão rápido quanto chegou, desaparecendo sobre os telhados.

Capítulo 2

O Primeiro Gole de Cinza

A voz de sua mãe, firme e urgente, ecoando em seus ouvidos. *“Vá para o seu quarto e tranque a porta. Agora. Confie em mim.”* Vesperith obedeceu, mas uma mistura de frio e pressentimento apertava seu pequeno peito. Atrás da porta fina de seu quarto, ela esperava. *“O que será que está acontecendo? Por que a mamãe me pediu isso?”* O silêncio que se seguiu não era o habitual da noite, mas um vazio pesado, anormal, que a deixava inquieta. Seus batimentos cardíacos martelavam em seus ouvidos, cada pulsação um tambor de angústia.

De repente, ouviu baixinho a voz de sua mãe, que lhe acalmou um pouco, mas no segundo seguinte um som diferente, um que ela não conhecia, como um sopro de vento passando entre as frestas da porta, e então o som bruto, seco, como algo jogado ao chão. Vesperith prendeu a respiração, tentando discernir. Um nó se formou em sua garganta. Um calafrio percorreu sua espinha. *“Será que devo sair? Ou esperar minha mãe me chamar?”* A

DESPERTAR

angústia sufocava Vesperith, paralisada, não sabia o que fazer, presa entre a obediência e o instinto.

Minutos que se estenderam como eternidades prenderam Vesperith no pequeno quarto. Quando a coragem – ou talvez a necessidade de compreender o que realmente havia acontecido – finalmente venceu a paralisia, Vesperith, com as mãos tremendo, girou a maçaneta e abriu silenciosamente a porta. O cheiro de metal se intensificou, tornando-se nauseante. Então, ela a viu. O corpo de sua mãe, Isolthra, caído na sala.

Era um pesadelo real. Não uma fantasia, mas a mais cruel das verdades, materializada na imobilidade da figura que era o seu mundo. A luz fraca da lamparina lançava sombras distorcidas, mas não escondia a palidez, a frieza que parecia emanar dela. Seus joelhos cederam, mas nenhum som escapou. Em sua mente infantil, o mundo se resumia a uma única pergunta: *Fico aqui ou corro para pedir ajuda?* Mas o desespero tomou conta, e ela só queria gritar. Um grito que, no entanto, não encontrou voz, que permaneceu preso em sua garganta. Um nó que impedia o ar de entrar, que impedia o grito de dor sair. Até que conseguiu incansavelmente e repetidamente gritar por ajuda. Os olhos, cheios de lágrimas que pareciam congelar em suas pálpebras, embaçava sua visão, mas não o suficiente para apagar a triste imagem que ficaria guardada em sua memória. Com dez anos, Vesperith sentia o peso do mundo em suas costas. À espera de ajuda, ela reconheceu a letra de sua mãe em um papel amassado no chão, ela o recolheu e tinha um rabisco de três espirais feitas por

sua mãe e escrito: “Siga a primeira mãe”. Ela guardou o papel no bolso e lembrou do esconderijo das “coisas delas” que ficava sob uma lâmina do assoalho, no quarto de Isolthra. Lá, ela encontrou rolo de pergaminho escrito: “Diário de Aya”, que sua mãe já a tinha alertado que era um documento muito importante. Então, escondidos sob suas vestes simples que mal a protegiam do frio, ela apertava os dois itens contra o peito, com medo de que alguém os confiscassem. Eram os únicos “tesouros” salvos daquela terrível noite, que lhe haviam tirado tudo!

Não houve adeus prolongado, nem consolo. A frieza dos passos pesados da Emergência Médica de Kraun a retiraram de perto do corpo inerte de sua mãe, para longe do que foi seu único porto seguro.

Capítulo 3

Visita Inesperada

A casa ainda cheirava ao chá que esfriou na xícara. A mesa tinha dois lugares, um vazio para sempre. Já tinham levado o corpo de Isolthra, quando bateram à porta.

Dois Guardas acompanhados de terceiro homem de luvas claras, aparentemente investigador.

— É a casa de senhora Isolthra? — a voz dele era baixa, impecável. — Sou representante do Palácio de Pedra Clara. Ela era funcionária pública. Viemos auxiliar no que for preciso e também no seu encaminhamento. Você tem direito a uma vaga no Orfanato do Governo.

O homem caminhou pelo corredor como quem já conhecesse o caminho. Voltou seu olhar para Vesperith — que apresentava olhos fundos, casaco mal abotoado, o corpo tentando ficar firme.

— Você é a filha, não é? — ele não perguntou para saber, perguntou para medir a resposta. — Sinto muito. Sei que não é

DESPERTAR

hora de perguntas, mas é quando as respostas estão mais “quentes”.

— Eu... — a voz dela falhou. — Ela estava no chão.

— Entendo. — Ele ergueu o caderno, mas não escreveu nada. — Preciso olhar os cômodos. Às vezes o assassino deixa pistas. Rascunhos, bilhetes. Coisas que fazem diferença.

Ele não esperou permissão. Os Guardas se espalharam em silêncio treinado. O homem levantou um tapete com a ponta da luva, abriu uma gaveta que já estava um pouco fora do esquadro, correu os dedos pela prateleira e pela moldura de um quadro torto. O olhar pousou no quarto.

— Sua mãe costumava trazer trabalho para casa? — perguntou o responsável sem virar o rosto.

— Revisava textos. Aqui. — Vesperith indicou a mesa.

— Textos... antigos? — Ele inclinou a cabeça milímetros.

— Às vezes. — Ela manteve a frase curta.

Ele cruzou o quarto de Isolthra, abriu o guarda-roupa, apalpou o forro com a unha da luva, examinou o vão entre o colchão e a madeira. Quando se aproximou de Vesperith, o olhar baixou uma fração de segundo para a base da gola. O volume do documento sob as vestes.

Vesperith congelou por segundos “*Será que ele percebeu? Será que devo entregar antes que ele peça para eu abrir meu casaco?*”. Muitos questionamentos passaram pela cabeça de Vesperith naqueles instantes de expectativa.

Uma sombra de curiosidade passou pelo rosto dele e foi embora. Então ele disse:

— Posso ver essa bolsinha? — Os olhos indicaram, as mãos ficaram imóveis.

Vesperith retirou de dentro um pingente simples, uma pedra lisa, como quem mostra um talismã sem valor. Ele olhou, virou contra a luz, devolveu.

— Obrigado. — O tom era cortês; a paciência, cirúrgica.

Na cozinha, a xícara com o resto do chá ainda marcava um círculo pálido na madeira. Ele encostou o dedo na marca, cheirou as pontas da luva. Voltou à sala.

— Não há nada que nos leve ao autor por enquanto. — Guardou o caderno sem anotar. — Retornaremos, com autorização para um inventário. É rotina quando há servidor público envolvido.

Na porta, antes de sair, ele olhou de novo para Vesperith — um olhar que não consolava, só conferia.

— Se lembrar de qualquer papel... qualquer coisa que sua mãe pudesse ter trazido do Arquivo, o Palácio agradecerá.

A madeira da porta fechou sem barulho. Vesperith só respirou fundo quando não ouvia mais os passos. Levou a mão à base do pescoço, sentindo, sob o tecido, o contorno do estojo comprimido contra a pele — quente, pesado, invisível.